

Luana Frigulha Guisso  
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

# DIÁLOGOS

**Teoria e prática em  
educação, ciência  
e tecnologia**

DIÁLOGO  
EDITORIAL

# INTERDISCIPLINARES

# 3

Luana Frigulha Guisso e  
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

# **DIÁLOGOS**

# **INTERDISCIPLINARES 6:**

## **Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia**

1ª edição

Vitória  
Diálogo Comunicação e Marketing  
2023

Diálogos interdisciplinares 6: Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia  
© 2023, Luana Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira

*Curso*

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

*Instituição*

Centro Universitário Vale do Cricaré - UNIVC

*Projeto gráfico e editoração*

Diálogo Comunicação e Marketing

*Capa e diagramação*

Ilvan Filho

1ª edição

*DOI:*

*Conselho Editorial*

Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes

Dra. Luana Frigulha Guisso

Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Dra. Sônia Maria da Costa Barreto

Dra. Tatiana Gianordoli

Dra. Juliana Martins Cassani

# Apresentação

A sexta edição do e-book Diálogos interdisciplinares 6: Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia chega com uma proposta de pensar a educação de forma disruptiva em diversos contextos. A premissa é propor uma revisão sobre as ações do cotidiano educacional e do chão de escola.

Mais uma vez, o que se apresenta é a busca de discentes e docentes, estes na posição de orientadores, portanto provocando e propondo, por meio de indagações, abalar as certezas de seus mestrandos, promovendo inquietações e, assim, retirando-os do estado de acomodação. A ideia é impelir o desbravar das fronteiras e levá-los a ultrapassá-las, rompendo e, até mesmo, propondo-lhes quebrar paradigmas, que é para o que serve a produção de novos conhecimentos.

As pesquisas desenvolvidas pelos alunos e professores do curso de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC), que integram esta edição, trazem uma coletânea de artigos que transitam pelo lúdico, pela musicalização, pelo processo de alfabetização, pela literatura, pela educação especial, entre outros assuntos que fazem parte do nosso cotidiano enquanto pesquisadores, professores e orientadores desses alunos que nos alegram em poder compartilhar toda a sua conquista ao longo do processo de pesquisa.

Sabemos que, muitas vezes, este processo é árduo e cansativo, mas, não nos deixamos abater e, com muito esforço, incentivo e garra, apresentamos como um produto, mais um e-book, que traduz a fabricação de conhecimentos, fruto da coragem dos pesquisadores, nutridos da obsessão em oferecerem novos olhares e propostas para suscitar o debate acerca de temas latentes. E como de costume, convidamos a todos os amantes de uma boa leitura, aliada a uma bela pesquisa educacional, a viajar neste momento de leitura.

***Luana Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira***

# Sumário

O ENSINO DAS SÍLABAS COMPLEXAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL .....	09
Alicia Real Tuão e Mariluz Sartori Deorce	
MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ATIVIDADES LÚDICAS, TECNOLÓGICAS E SOCIALIZAÇÃO .....	27
Anderson da Silva Sampaio, Poliana da Silva Ribeiro, Diego Antônio de Souza Pereira e Simone Fernandes de Rança	
A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DE CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA .....	44
Andréa dos Santos Guimarães e Marcus Antonius da Costa Nunes	
CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO NA COMPREENSÃO DA LÍNGUA INGLESA PARA ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	64
Andressa da Silva Santiago e Mariluz Sartori Deorce	
TDAH NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS: CAUSAS E ABORDAGENS PEDAGÓGICAS .....	86
Camila Machado de Oliveira e Vivian Miranda Lago	
A CONTRIBUIÇÃO DA LUDICIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	105
Diego Antônio de Souza Pereira, Larissa Valfré Baiôcco, Luana Alvarenga Resende e Raíssa Rangel Lorencine	
A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO ESCOLAR ...	118
Fernanda Luciano Fernandes, Lidiane Sabrina Viana Torres, Diego Antonio de Souza Pereira, Ana Elena dos Santos Baiense e Mariana Paganott Rodrigues de Souza	

A MÚSICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O AUTISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL .....	136
Flora Karoline Galito Gonçalves Santos e Edmar Reis Thiengo	
GESTÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY- ES .....	148
Genivaldo dos Santos e Douglas Cerqueira Gonçalves	
O ENSINO DE LITERATURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES .....	166
Gessiedna Pereira de Souza Silva, Patrícia Peçanha Roza Luns e Simone Fernandes e França	
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EJA .....	182
Isabel Cristina Polonine e Sônia Maria da Costa Barreto	
PARÁBOLAS E IMAGENS PARA DESENVOLVER COM ALUNOS DA EJA DURANTE A PANDEMIA DA COVID -19 .....	200
Jossieli Lucio Pereira de Freitas e Ivana Esteves Passos de Oliveira	
INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS DOS PROFESSORES .....	216
Juliana Silva Andrieta Andrade e Edmar Reis Thiengo	
PRÁTICAS AVALIATIVAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, NO ENSINO FUNDAMENTAL EM PRESIDENTE KENNEDY-ES .....	246
Leonardo Barreto da Costa e José Roberto Gonçalves de Abreu	
A PERCEPÇÃO DAS PROFESSORAS SOBRE O USO DA MÚSICA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA APRENDIZAGEM DE ALUNOS DO MATERNAL II .....	268
Luana dos Santos Rodrigues e Vivian Miranda Lago	
AS TICs X JOGOS MATEMÁTICOS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PERSPECTIVA DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS PEQUENAS .....	284
Manoela Paz da Costa e Nilda da Silva Pereira	

ATTITUDES E HÁBITOS DE LEITURA DOS PROFESSORES NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL .....	302
Maria Auxiliadora da Silva Santos	
A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA CONTRA A POBREZA: A EXPERIÊNCIA DE MULHERES DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY (ES) .....	323
Mirielle de Castro Sedano e Nilda da Silva Pereira	
CONTRIBUIÇÕES DA RECREAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO MOTOR DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	356
Patrícia Tamiasso de Oliveira e José Roberto Gonçalves de Abreu	
OS AUTORES .....	372

# ATITUDES E HÁBITOS DE LEITURA DOS PROFESSORES NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Maria Auxiliadora da Silva Santos*

## 1. INTRODUÇÃO

Segundo Freire (Freire, 1984) “O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. Quando se fala em leitura, não corresponde ao ato de uma simples decodificação de símbolos, sim, de fato, a interpretação e compreensão do que está lendo”.

Dessa forma, é de suma importância que o leitor tenha conhecimentos prévios, que possam ser inerentes a aplicabilidade no vocabulário e nas regras da língua culta e que se englobem as noções conceituais sobre o texto e a realidade que está inserida.

Seja uma leitura prazerosa, ou seja, que tenha êxito na compreensão do que está sendo lido, que os conhecimentos adquiridos sejam significativos para que saiba interagir na transformação do seu universo. Logo, tem-se que a leitura é um processo interativo.

Aquisição pelo gosto e o hábito da leitura conduz à experiência única e ímpar, ou seja, é capaz de transformar sujeitos passivos em ativos, capacitando-os a criar e a recriar uma realidade que possa lutar contra o poder das lideranças dominante do sistema.

Como interlocutor da leitura escrita e da leitura de mundo surge a figura do professor, esse que tem o papel preponderante na mediação entre os alunos e as bases textuais, sendo uma mola propulsora, no sentido de ser um contato cada vez mais desafiador entre o leitor e a obra lida.

Segundo (Lajolo, 1993) “um professor gosta de ler, precisa ler muito, envolver-se com o que se lê.” É de suma importância que todo professor assume seu papel de leitor, pois o mesmo irá desempenhar o papel de formador de futuros leitores e é imprescindível seu envolvimento com a leitura.

E também tem o papel de persuadir os alunos para a aquisição do hábito de leitura de forma lúdica e prazerosa, ou seja, enfatizando que somente através da leitura e / ou periódicos que as palavras serão de grande relevância no aprendizado dos conteúdos ministrados em sala de aula de acordo com as áreas.

Além do mais, a escola passa a ter como função a formação de leitores, evidenciando que os professores e alunos precisam ler e escrever para que o poder da criticidade os torne agentes transformadores, não somente em sala de aula, mas também em múltiplos espaços de suas vidas sociais.

É da responsabilidade de todas as disciplinas e do universo educacional, como um todo, que a escola deve cumprir o seu papel de fato, na formação de leitores, sendo necessário que o professor seja também um leitor proficiente.

Este estudo parte da premissa que a leitura literária é o fator primordial no desenvolvimento do professor, ou seja, constitui como instrumento preponderante no incremento das práticas pedagógicas e no alto poder de criticidade.

O objetivo geral do estudo é compreender quais atitudes e hábitos de leitura dos principais professores do Ensino Fundamental II anos finais. Os dados tomados para análise são provenientes de uma pesquisa-ação, com aplicação de questionário com cinco perguntas abertas para treze professores de áreas diversificadas, na EMEIEF Boa Vista do Sul- Marataízes/ES.

Para desenvolver a investigação proposta, analisam-se as falas dos professores participantes atuantes na EMEIEF Boa Vista do Sul- Marataízes/ES. A partir dos questionários, as falas foram utilizadas para análise e discussão dos dados.

Mediante este contexto, se faz necessário formular um problema que se resolva a seguinte questão: Como são desenvolvidos atitudes e hábitos de

leitura dos professores do Ensino Fundamental II anos finais da EMEIEF Boa Vista do Sul- Marataízes/ES?

Constituem-se objetivos específicos do estudo, buscar junto aos professores como e quando foram desenvolvidos seus hábitos de leitura; verificar junto aos professores do Ensino Fundamental II anos finais como são desenvolvidas suas práticas de leitura e conhecer o perfil-leitor dos professores no Ensino Fundamental II anos finais.

Silva (2011), Zilberman & Lajolo (1996), Andrade (2007), Freire (2003), Nóvoa (1992) e Laguna (2012), são alguns aportes teóricos que nortearam a presente pesquisa.

Portanto, com este estudo acreditamos na relevância do mesmo, principalmente nos meios educacionais, por construir um novo perfil, para os professores, e também pretende colaborar na qualificação e na formação do professor, como leitor proficiente e na formação de futuros leitores. O presente estudo apresenta os pressupostos teóricos sobre a leitura, metodologia e análises dos resultados na formação leitora dos professores.

## **2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA LEITURA**

O ato de ler é muito mais do que a decodificação dos símbolos, no que tange está apto à leitura. Esse é um dos principais desafios que as escolas enfrentam em seu cotidiano. Essa decodificação transforma-se em algo mais desafiador, que é a formação do aluno em cidadão, isto é, quando tem o domínio da habilidade da leitura como instrumento de democracia e de cidadania, inserindo a participação dos alunos em suas comunidades sociopolíticas.

O letramento é a prática social da leitura e da escrita, pois para que uma pessoa possa inserir-se em um grupo social, ou mesmo no mercado de trabalho, a mesma, deve estar em condições de usar fluentemente a leitura e a escrita em diferentes contextos, em diversos gêneros textuais, e percebendo as suas aplicabilidades, análises, comparações, produções e reproduções.

Além do mais, a decodificação dos signos linguísticos inicia-se na alfabetização, ou seja, período que toda criança começa a compreender a mensagem através da escrita. Enquanto que na pós-alfabetização, fase de continuidade da iniciação da leitura e da escrita, ambas passam a ter funções significativas no cotidiano da criança. A leitura é guiada por diversificados objetivos e intencionalidades.

Outro ponto a ser salientado, é sobre a interpretação. Silva (2011, p. 110) afirma que “a leitura se manifesta, então, como a experiência resultante do trajeto seguido pela consciência do sujeito em seu projeto de desvelamento do texto.”

Acredita-se que interpretar é analisar e reproduzir algo que foi aprendido através da decodificação do código escrito, e a partir dos conhecimentos prévios e materializa-se na compreensão da realidade. É a combinação da compreensão com os fatos do contexto. Segundo Silva (2011) “a leitura não pode ser confundida com a decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos escritos pré-elaborados” (p:11).

Nesse sentido, é quando a leitura e a escrita são realizadas fluentemente, mas sem a compreensão e sem a recriação de significados, dessa forma, não ocorre a interpretação. Assim, a escola elege o livro didático como único meio para desenvolver a parte interpretativa. Passa a centralizar uma maior valoração e transformar-se como forma de transformar o aluno em sujeito leitor.

Por outro lado, a escola preconiza a formação do sujeito leitor, sendo independente, crítico e criativo. No entanto, o que se observa é o uso da leitura de decodificação dos signos linguísticos, sendo usada para a formação do leitor, ou seja, pensamos que é um fato contraditório, que exclui a real leitura- leitura literária.

Sabe-se que a leitura literária é libertária e ocorre quando o leitor estabelece a partir do texto lido, uma interação intensa de prazer. O imaginário do leitor é destacado, pois através do mesmo, que se recriam outros mundos, ações, pensamentos e emoções. O universo da interação do leitor com o texto é ampliado, a convivência com outros tipos de leitura- passam a exigir estratégias diversificadas, que conduz ao desvelamento da realidade.

Cabe ao professor instigar a imaginação do aluno, para que o mesmo, possa entender e ressignificar o seu papel na sociedade que está inserido. Desenvolver a capacidade leitora de um sujeito é fazer com que seja sujeito de suas ações no mundo que o cerca. De acordo com Lajolo (2006, p. 04),

[...] lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, num aspiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela” (LAJOLO, 2006, p. 04).

Portanto, é possível saber o momento que se inicia o ato de ler, mas esse ato deve ir muito mais além dos muros da escola, deve fazer parte da vida do aluno. Sabemos que um sujeito leitor tem a sua formação através da leitura literária com embasamentos teóricos a partir da leitura de decodificação dos signos linguísticos apresentados através de diversificados textos -científicos, filosóficos e informativos, de forma que o sujeito possa transitar por todos esses eixos. Acreditamos que não se pode continuar com o pensamento errôneo sobre a formação do sujeito leitor.

Assim como, a decodificação dos signos linguísticos é ensinada são ensinadas na alfabetização a leitura literária, deveria ser incorporada nas práticas pedagógicas do cotidiano escolar.

### **3. O PROFESSOR - LEITOR**

Sabe-se que a leitura literária é uma das vias de inserção no mundo e da satisfação de necessidades do ser humano. No entanto, muitos professores desconhecem ou ignoram a real relevância da leitura e da literatura no cotidiano.

Diversas pesquisas sobre a realidade da leitura no Brasil sinalizam para o perfil de grande parte dos profissionais da educação como não-leitor, pois é algo incontestável, e que todo professor deve ser leitor, dessa forma, a leitura literária, possa contribuir na sua formação e na práxis de seu trabalho em sala de aula.

Salientamos também, a questão de a leitura literária ter pouca ênfase durante a formação escolar na vida do educador. Poucos estudos e pesquisas na área da leitura literária, por parte do professor, nota-se ausência de clareza sobre a qual é realmente a função da literatura literária e ou em periódicos para que se forme um professor – leitor, consciente e crítico.

Um dos problemas que não pode ser esquecido, é a respeito à figura do professor que não gosta de ler, em virtude de alguns percalços durante a sua formação escolar.

Todo o processo de leitura literária e escrita se faz presente tanto na vida pessoal do sujeito e na vida escolar, ofertando uma amplitude sobre sua visão de mundo e favorecendo sua emancipação intelectual. De acordo com Lajolo (1993), “ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida” (p. 04).

São palavras com enorme expressividade, pois representam o quanto o é transformação de uma sociedade.

Partimos da concepção que a formação do professor-leitor se inicia, na fase da infância e da adolescência, através de inúmeras experiências leitoras e concomitantemente com os seus familiares, desde as narrativas orais, passando pela leitura de revistas, contos de fadas, romances, bíblia, diário íntimo e leitura de clássicos literários.

É na Educação Básica que a leitura literária é primordial, ou seja, tenha um avanço real, a partir de desenvolvimento com trabalhos com gêneros textuais e com o foco na formação de leitores para além da sala de aula.

Podemos afirmar que todo professor, enquanto profissional ou cidadão necessita desenvolver a capacidade leitora para que possa se sentir sujeito do mundo que o cerca. Por isso, é primordial que as práticas de leituras literárias sejam realizadas em todos os segmentos da formação escolar, com práticas de imersão em leituras: antiga, moderna, brasileira, estrangeira, infanto-juvenil, adulta, literária, não literária, enfim, diversidades de leitura possíveis, materializadas em diferentes linguagens.

Ressaltamos que a formação leitora do professor não tem diferença dos demais sujeitos, sendo que ele é antes de tudo é um indivíduo que passa pelos ciclos da vida – infância e a adolescência até chegar a fase adulta e, conseqüentemente a sua graduação, especificamente um professor.

Atualmente, estudos recentes, que envolvam a questão da leitura literária e não-literária, por parte dos estudantes brasileiros, em sua graduação, demonstram precariedade e os incapacitam na expressão oral e escrita em dá sentidos aos textos. O que observamos é uma situação caótica, pois a maioria dos estudantes estão iniciando a graduação vazios de palavras, ou seja, estão ingressando no nível superior como leitores desenvolvidos e com muita imaturidade literária.

Outro ponto a se destacar, no Ensino Superior, é pouco hábito da leitura literária ou informativa que refletirá na escrita e conseqüentemente na fala. Alguns universitários demonstram pouco interesse diante dos textos indicados para análises e discussão em conjunto, só frequentam as aulas sem conhecimentos prévios sobre leitura dos assuntos a serem debatidos.

Em se tratando de cursos no Ensino Superior, com ênfase na graduação de professor, observamos que o mesmo deve ser um leitor. Se o professor não lê, não tem experiência com a leitura, se desconhece algumas teorias literárias que norteiem seu trabalho, não terá subsídios para abordar literatura em suas aulas. Entretanto, o professor é o agente que organiza as práticas educativas em sala de aula e compete a ele o sucesso ou o fracasso de seu trabalho.

Durante a graduação para a formação de professor, a leitura literária que é cobrada, é a leitura acadêmica, isso provoca uma certa angústia, porque outras leituras são extintas.

A leitura literária ou informativa é menos valorizada em detrimento das leituras obrigatórias do curso. Dessa forma, as diversas atividades que permeiam as práticas de leitura são as que contemplam os componentes curriculares. São leituras para discussão em sala de aula, apresentação de trabalhos orais, exemplo

de seminários, leitura para fundamentar escrita de textos. Observamos que ocorre alguns desencontros entre o real significado da leitura literária e consequentemente, para a formação de leitores proficientes.

Reafirmamos que é urgente e necessário que se façam inovações nos currículos dos cursos de graduação, pois os graduandos são leitores constituídos por diferentes histórias e práticas de leituras vivenciadas ao longo da vida. Para tornar um sujeito cada vez mais leitor, é primordial proporcionar-lhe diversidades de oportunidades durante a sua vida.

A leitura literária é um direito de todos, mas alguns graduandos foram afetados nas seguintes questões: a) pelo contexto sociocultural do país em que vivemos; b) pelo processo de formação que foram submetidos, ao longo de sua vida escolar. O cenário sociocultural do nosso país é o principal responsável pelo processo de exclusão do graduando, em específico o professor, das práticas de leitura literária ou informativa.

Torna-se de grande relevância implementar esforços de valorização das práticas reais, para investir em ações e currículos que valorizem a leitura literária como cerne da identidade do professor de tal modo que passe a ser disciplina da formação do professor leitor, com ênfase nos cursos voltados para a docência.

Entendemos que a leitura literária e ou a leitura de periódicos são os embasamentos primordiais na formação do professor. Além do que possibilita uma prática reflexiva, consciente e crítica, pois acarretará reflexos de seus atos para além de sala de aula, ou seja, romperá com o trivial. Devido a tudo isso, é de suma importância que o professor seja um leitor proficiente, independente da área de atuação.

Concordamos que o professor-leitor é aquele que constrói seu histórico de leitor ao longo de sua vida escolar e que prioriza a leitura literária como prática emancipatória e espaço aberto para o campo cognitivo. Consequentemente deverão ser leitores autônomos e para então contribuir para a formação de gerações de leitores críticos.

#### 4. RELEVÂNCIA DOS PARADIDÁTICOS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR

O sistema escolar sempre teve a sua funcionalidade de acordo com interesses das classes sociais vigente. A idealizada escola pública, democrática, única e gratuita, objetivando à formação de cidadãos, continua sendo utópica para muitos brasileiros.

A escola pública brasileira, desde a sua origem sempre apresentou envolta por uma dupla problemática entre dominantes e dominados: de um lado, a escola da classe dominante, do outro, a escola da classe dominada, que se limita ao ensino elementar, seguido pelos moldes pragmáticos do mercado de trabalho de cada época.

Em tempos atuais, a escola está embasada na filosofia de preservação de cultura autoritária e na divisão da sociedade de acordo com as condições socioeconômicas. Observa-se que desde a implantação do nosso primeiro sistema educacional, a maioria da educação atual ainda está atada aos moldes ideários da época, ou seja, temos uma democracia onde uma minoria privilegiada é que detém o poderio econômico e o saber.

Além do que, a problemática que envolve a educação em nosso país continua e se faz urgência necessidades de mudanças, principalmente no que tange na formação de professores. Grandes investimentos são realizados em bens duráveis ou em curso de capacitação que ofertam conhecimento aos professores, mas sem conduzi-los à consciência crítica.

De acordo com a extrema relevância da questão, atualmente, a leitura literária sinaliza como uma possibilidade de mudanças, além de permear toda e qualquer prática pedagógica, somente através da leitura que se pode romper com a alienação de ideias e lutar por mudanças de uma sociedade mais igualitária.

A Base Nacional Comum Curricular- BNCC (2028), faz uma citação do livro paradidático e sua importância:

Considerar, ao longo dos anos, a ampliação e o suporte na seleção de fontes balizadas de informação e conhecimento – livros paradidáticos, de referência, repositórios de objetos digitais de aprendizagem, plataformas educacionais, canais educacionais e de vídeos de divulgação científica, etc. (MEC, 2018, p.516)

Além disso, o livro paradidático propício, tanto para o professor, quanto para o aluno, a probabilidade de imersão em um ambiente de leitura literária que está de alguma forma ligado à realidade do leitor, independente da disciplina curricular.

A partir da década de 80, os paradidáticos foram se tornando mais abrangentes nas escolas, mas sendo tradicionalmente, utilizados pelos professores de Língua Portuguesa. Em outras áreas com menor frequência,

Para entender a razão da criação do termo paradidático, Borelli (1996) apresenta o sentido do termo paraliteratura, a partir da interpretação da formação da palavra como “o prefixo para denotar tanto o significado de proximidade – ao longo de – quanto à conotação de acessório, subsidiário, e, também, o sentido de funcionamento desordenado ou anormal”.

O termo paradidático surgiu como adjetivo, qualificando um tipo de publicação que, a partir de 1970, começou a proliferar na produção editorial brasileira direcionada ao uso escolar. Tratava-se, dessa fora, de distinguir esses produtos dos livros didáticos tradicionais, sempre associados a disciplinas, organizados em coleções seriadas e pensados para o uso do cotidiano. A principal diferença consistia no fato de os paradidáticos não prenderem cobrir a matéria de uma série, muito menos, de todo um segmento do ensino. Fixavam-se, antes, em um único tópico de interesse do currículo, tratando de forma mais especializada e /ou aprofundada, sobre assuntos gramaticais. Em consequência, esses livros podiam ser utilizados em diferentes momentos e níveis de ensino.

Os paradidáticos têm sido objeto de grande relevância nas políticas públicas em Educação, tendo motivado muitos estudos e investigações, sob perspectivas tão

distintas quanto o mercado editorial, a transposição didática de conceitos e noções, a flexibilidade de uso, os recursos didáticos, os padrões de textualidade e os modos de ler.

Os livros paradidáticos começaram a ser organizados em coleções seriadas e utilizadas na leitura cotidiana. São livros que não faz abordagem somente de um conteúdo específico de uma determinada série, tem a função de ir mais além, é um auxílio para sala de aula em diferentes séries e/ ou níveis de ensino.

Dessa forma, os livros paradidáticos receberam esse nome por serem adotados de forma paralela aos materiais convencionais já utilizados na escola, não com intuito de substituir, e sim abordar temáticas que, em muitos casos, os livros didáticos não contemplavam.

Além disso, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que estabeleceu os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e orientou a discussão sobre os temas transversais, a produção dos materiais paradidáticos cresceu de forma significativa nas editoras brasileiras salientando nas próprias obras de ideias de Ética, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo, Saúde e Sexualidade.

No entanto, é importante observar que, embora haja variadas temáticas e metodológicas para se trabalhar, em muitos casos, a abordagem do livro paradidático ainda é descontextualizada, deixa de integrar discussões relevantes em sala de aula e é objeto de avaliação desconectado dos questionamentos sociais e preso aos conteúdos gramaticais apresentados na série.

Tais materiais surgiram como forma de oportunizar a prática docente a fim de que seja possível desenvolver não somente a capacidade leitora em sala de aula, mas a compreensão de períodos e contextos históricos. O surgimento dos materiais paradidáticos se consolidou a partir das necessidades de se pensar em literaturas que fossem apropriadas para o ambiente escolar. Nessa vertente, muitas obras são consideradas essenciais para a formação do aluno.

Os livros paradidáticos nasceram das discussões sobre a necessidade de autores brasileiros produzirem para crianças e jovens buscando formar, através deles, o desejo, o gosto e o prazer de ler. As editoras pas-

saram a investir em textos alternativos, com temas e linguagem mais acessíveis, que serviriam para introduzir o aluno no universo da leitura e prepará-lo para obras mais complexas [...] (LAGUNA, 2001, p.49)

Assim como o ensino da Língua Portuguesa passou por transformações desde a implantação dos moldes educacionais, o ensino de leitura no contexto escolar é também marcado por avanços, ora vistos como uma ruptura com o tradicionalismo, ora analisados sob a perspectiva de ser apenas o primeiro passo de muitos que ainda são necessários.

## **5. METODOLOGIA**

Os sujeitos participantes da pesquisa consistem em 13 professores, de áreas diversificadas que atuam no Ensino Fundamental II anos finais, da EMEIEF Boa Vista do Sul, Maratáizes/ ES. A coleta de dados da presente investigação, foi obtida por meio de questionário e com 05 perguntas abertas.

Acreditamos atender o proposto no primeiro objetivo específico, que consiste em buscar junto aos professores como e quando foram desenvolvidos seus hábitos de leitura. E o segundo objetivo específico, que é verificar junto aos professores do Ensino Fundamental II anos finais como são desenvolvidas suas práticas de leitura; o terceiro objetivo específico, que é conhecer o perfil-leitor dos professores do Ensino Fundamental II anos finais.

## **6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

No tópico 1 - Experiências com a leitura na infância e na adolescência- Abordaremos sobre as experiências dos professores com a leitura durante essas fases.

Muitos professores afirmaram sobre as suas primeiras experiências com a leitura e observamos que o eixo principal de transmissão estava no contexto familiar. Percebe-se que a leitura lembrada pelos professores como pertencente a sua

infância, é aquela onde os livros eram manuseados. Onde a imaginação tomava conta do real. As respostas apresentaram o seguinte resultado:

Fora do contexto familiar, os transmissores culturais, que sempre estiveram presentes, na vida educacional, foram os seus professores dos anos iniciais, esses que ocuparam um lugar privilegiado no campo da leitura literária, concomitantemente junto a família.

Sendo assim, percebe-se que a leitura literária é vista como algo, que é prazeroso. Tal fato ocorre pela forma como a leitura é apresentada à criança e posteriormente ao adolescente, isto é, há necessidade de se verificar a proposta para o despertar o gosto pela leitura, a mesma deve apresentar uma coerência entre fins e meios e entre discurso e ação.

No tópico 2 - Experiência com a leitura na graduação-

As experiências com a leitura na graduação dos professores que atuam na referida escola, mostram-se alguns professores distantes da leitura, enquanto prazer, pois seu tempo é preenchido pelas necessidades de leituras direcionadas somente as suas respectivas áreas de atuação.

[...] a leitura que não surge de uma necessidade para chegar a um propósito não é propriamente leitura; quando lemos porque outra pessoa nos manda ler, como acontece frequentemente na escola, estamos apenas exercendo atividades mecânicas que pouco tem a ver com significado e sentido. (LAJOLO, 2006, p. 34).

Acreditamos que é dessa forma que a leitura na graduação acontece, ou seja, surge como pretexto para trabalhar com os conteúdos do currículo e passa ser algo desmotivador. Tal fato ocorre devido a falta de tempo dos professores, pois os mesmos não têm outra fonte de renda para dar conta das suas tarefas dentro da graduação e suprir sua vida financeira.

Outro ponto que salientamos é a leitura literária e /ou em periódicos, quando são impostas ou mesmo obrigatórias. Na graduação, as leituras apresentadas, são as de

cópias xerox de capítulos ou fragmentos deste, que tornam-se de compreensão difícil, que até mesmo, os futuros professores, ficam frustrados e passam a desprezar a leitura e a mesma passa a ser vista como atividade que não se pode dissociar da graduação.

No tópico 3 - O grau de relevância da leitura da leitura de leitura literárias e/ou periódicos no cotidiano do professor-

As relações do ser humano com o mundo estão pautadas por sua percepção e construídas pela linguagem. O ato de ler incide na participação do processo coletivo para a construção dos sentidos, isto é, quando lemos, ou fazemos de um determinado lugar e com uma direção histórica determinada.

Percebemos que para todos os professores a leitura literária e/ ou de periódicos, é de extrema relevância, mas somente destaca-se na vida profissional, ou seja, inexistindo a leitura por fruição, e a mesma sendo usada para buscar informação e dessa forma, elencar aos conteúdos das disciplinas trabalhadas.

Então, o ato de ler pode representar não apenas uma condição intelectual, mas também, uma condição de libertação: a de poder ser um leitor mais autônomo e crítico, independente da textualidade, em várias linguagens, do mundo que está inserido, ou de mundos diferentes do seu.

Ler o mundo é assumir-se como sujeito da própria história. É ter consciência dos processos que interferem na sua existência como ser social e político.

Lajolo comenta sobre Paulo Freire dizendo,

Para Paulo Freire, leitura boa é a leitura que nos empurra para a vida, que nos leva para dentro do mundo que nos interessa viver. E para que a leitura desempenhe esse papel, é fundamental que o ato de leitura e aquilo que se lê façam sentido para quem está lendo. Ler, assim, para Paulo Freire, é uma forma de estar no mundo (LAJOLO, 2003, p.5).

E Freire, exemplificando o cotidiano, mostra como lemos o mundo o tempo todo:

Desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Lemos no céu as nuvens que anunciavam chuvas, lemos na casca da fruta se elas estão verdes ou maduras, lemos no sinal de trânsito se podemos ou não atravessar a rua. E quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é de outra forma de leitura, do mesmo mundo que já líamos, antes ainda de sermos alfabetizados (FREIRE, 2003, p. 5-6)

Portanto, devemos ler tanto para aprimorar a parte intelectual como alimentar a nossa alma, para desenvolver a criticidade e a criatividade em nosso cotidiano vigente.

No tópico 4 - Formação continuada-

A formação continuada consiste em ser um processo de descobertas e mudanças sobre um determinado assunto, que perpétua ao longo da vida de um indivíduo. Significa que o mesmo deve estar sempre em busca de fatos que sejam significantes para a sua vivência, tanto no âmbito pessoal como no profissional.

O ato de ler é primordial para todo o percurso escolar do indivíduo, pois repercute na formação de seu raciocínio e expressão, sendo uma “ferramenta” necessária para continuar aprender e, mais ainda, se humanizar.

Em se tratando de formação continuada, no aspecto da leitura literária, faz-se necessário estabelecer um diálogo com os professores que atuam nas áreas, sobre o seu envolvimento com a leitura literária e / ou periódicos, ou seja, promover e incentivar a leitura com mais intensidade.

Os dados abordados na presente investigação, demonstram que formação continuada para os docentes é primordial. O que significa assumir uma nova função frente à complexibilidade da sociedade, reconhecendo os limites da educação na sua transformação política, porém consciente de que é através da educação que podemos compreender, segundo Freire (1986), as relações de poder estabelecidas, bem como preparar a participar de programas para mudar a sociedade.

É necessário e urgente investir numa formação continuada que busque promover a leitura literária e/ou periódicos para o professor, desvinculada de seus afazeres profissionais, ou seja, conduzir o professor à leitura por fruição.

Dessa forma, o processo formativo não pode se esquivar de promover a formação leitora do sujeito professor, de forma a assegurar um grau relativo de autonomia, de criticidade, de capacidade argumentativa, visando a reunir condições para se projetar na vida e no exercício da profissão em um mundo cada vez mais complexo, formado por diversidades de cursos.

No tópico 5 - Suporte para o aluno usando paradidáticos e/ou periódicos-

A palavra suporte por definição é: “qualquer coisa cuja a finalidade é sustentar ancorar, reforçar, apoiar ou aquilo que pode auxiliar.” Em sala de aula essa palavra transforma-se em algo mais significativo, que quando usada, rompe as barreiras das impossibilidades, dos autoritarismos, das diferenças e das alienações.

Por todas as ideias aqui expostas observamos que quase todos os professores consideram de extrema relevância o uso de paradidáticos e / ou periódicos como suporte inserido em suas disciplinas ministradas, porém há uma grande incorrência no que realmente venha ser o uso dos paradidáticos como suporte das disciplinas abordadas.

Além de que, o ato de ler é um entrelaçamento pessoal de cada leitor com suas leituras de mundo e com vários significados encontrados ao longo da leitura.

Nesse sentido, relatam os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1997, P.54)

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender essa necessidade (PCN, 1997, p.54).

Como suporte de aprendizagem surgem os livros paradidáticos, os mesmos complementam o conhecimento adquirido pelos alunos durante a exposição de um determinado assunto. Recebem o nome de paradidático por ser uma escolha paralela aos conteúdos disciplinares e aos livros didáticos.

Os livros paradidáticos tornaram-se mais relevantes após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) estabelecer os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), orientando as instituições a abordar temáticas transversais relacionados ao desenvolvimento da cidadania, ética, trabalho e pluralidade cultural. Assim, com essa abertura que muitos professores tiveram mais conhecimentos sobre os paradidáticos, e o primordial, que podem elencar aos conteúdos ministrados.

Cabe salientar, que os livros paradidáticos não são usados com a finalidade moralizadora e sim para ampliar a criticidade e a reflexão.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura literária e / ou de periódicos constitui-se em algo escasso que aflixe diversos setores da nossa sociedade, não se restringe apenas à educação, mas é uma temática política, social e histórica, que está ligado à inserção do indivíduo na sociedade.

Durante toda a caminhada nessa investigação, sendo que os primeiros passos desse estudo me ajudaram a esboçar o pano de fundo da caminhada, levantado dados relevantes sobre o contexto em que se daria a pesquisa, como algumas informações sobre a escola e, principalmente, sobre os professores sujeitos da investigação.

Partindo do objetivo geral exposto, apresentamos alguns conceitos à cerca da leitura e com os estudos realizados observamos que alguns professores acreditam que a formação leitora de um sujeito possa ocorrer através da concepção da leitura como decodificação dos signos linguísticos, ou seja a leitura como reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos escritos pré-elaborados.

Sabemos que a formação leitora surge através da leitura literária, essa que é o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais, como o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Processo esse, que leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

Outro ponto é a consolidação de políticas públicas de leitura direcionadas para uma formação continuada, que se iniciasse na graduação e que não possuísse prazo de término. Uma formação continuada que o foco ofertasse conhecimentos e a leitura literária e que através da mesma, despertasse o real sentido do que é ser um professor-leitor.

Acreditamos ser possível construir a figura do professor-leitor, mesmo com todas as dificuldades existentes, pois a atitudes e hábitos de leitura dos professores aliada as propostas de melhoria das condições econômicas e de trabalho possibilitarão, de forma simultânea, a (trans) formação dos professores em leitores por fruição.

Acreditamos que essa pesquisa poderá contribuir para a formação enquanto pessoas para estarmos sempre nos renovando na (re)construção de experiências de vida que possam modificar nossos pensamentos e nossas concepções.

## REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. L. A. *Filosofia da Educação*. São Paulo, Moderna, 1996.
- BAMBERGUER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Ática, 1994.
- BARBIER, René. *A Pesquisa-ação*. Brasília, Plano Editora, 2002.
- BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura – A formação do leitor – alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BRASIL. *Lei De Diretrizes e Bases Da Educação Nacional*. MEC, 1996. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 19/02/2016.

BRASIL. PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais. MEC, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12598:publicacoes>. Acesso em: 19/02/2016.

BRASIL. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Volume 1: Linguagens, Códigos e suas tecnologias, MEC, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf). Acesso em: 22/09/2016. 118 BRASIL ESCOLA.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CADEMARTORI, Lígia. Leitor: ser ou não ser. In: O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

DALVI, M. A. Literatura na escola: Propostas didático-metodológicas. In: DALVI, M.A. [et al]. Leitura de literatura na escola. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

FREIRE, Paulo. A Importância do ato de ler. São Paulo: Cortês, 1993.

\_\_\_\_\_. Educação e mudança. Coleção Educação e mudança. v. 1. 9. ed. Riode Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. 18. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

HENRIQUE, F. O livro didático e a formação do leitor literário. Dissertação 9 Mestrado em Educação) - Curso de Pós-Graduação Stricto Senso, Universidade do Vale do Itajaí, 2011. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br>. Acesso em 15 de abril de 2021.

KLEIMAN, A. A oficina de leitura: Teoria e prática. Campinas: Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. Texto e leitura: aspectos cognitivos da leitura. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

LAGUNA, Alzira Guiomar Jerez. A contribuição do livro paradidático na formação do aluno-leitor. Revista Acadêmica, São Paulo, n. 2, p. 43-52, ago. 2012.

LAJOLO, M. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6ª.Ed.-São Paulo: Ática, 2000.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 1993. \_\_\_\_\_. A formação do leitor no Brasil. São Paulo: Ática, 1997.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAGNANI, Maria do Rosário M. Leitura, Literatura e Escola – Sobre a Formação do Gosto. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MOREIRA, Marco Antônio; NARDI, Roberto. O mestrado profissional na área de ensino de ciências e matemática: alguns esclarecimentos. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, Ponta Grossa, v.2, n.3, p.10-12, set./out. 2009.

NÓVOA, Antônio. Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992

\_\_\_\_\_. Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

\_\_\_\_\_. Professor se forma na escola. In: Revista Nova Escola, n. 142 (maio). São Paulo: Abril Cultural, 2002.

PETIT, Michéle. O mundo: experiência de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo.

ROLLA, Ângela da Rocha. Professor: perfil de leitor. 1995. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Instituto de Letras e Artes – Porto Alegre.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: Nóvoa, Antônio (org.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. Teoria e Prática e o professor um leitor em formação. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro. O professor-leitor. In: NETO, José Castilho Marques; SANTOS, Fabiano dos; RÖSING, Tânia M. K. (orgs.). Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009. 1. Ed.

SILVA, Ezequiel Theodoro. O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova Pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 2011.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-ação. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ZILBERMAN & Lajolo. A Formação da Leitura no Brasil. São Paulo: Ática 1996.

ZILBERMAN, Regina; Ezequiel Theodoro da (org.) Leitura: Perspectivas Interdisciplinares. São Paulo, Ática, 1995.

ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. São Paulo: Contexto, 1988.